A DOR COMO REVELAÇAO DO SER E DA DIGNIDADE HUMANA

GILBERTO SAFRA

NO MUNDO CONTEMPORÂNEO, GRAÇAS AO DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO DECORRENTE DO DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA, HOUVE UMA SÉRIE DE AVANÇOS NO CONHECIMENTO E NA TÉCNICA, QUE POSSIBILITOU O TRATAMENTO DO SER HUMANO E DE SEU ADOECER. O RESULTADO FOI UM AUMENTO DA QUALIDADE DE VIDA E UMA AMPLIAÇÃO DO TEMPO DE VIDA DO INDIVÍDUO. ISSO EVIDENTEMENTE É UM BENEFICIO. NO ENTANTO, É TAMBÉM NECESSÁRIO QUE SE POSSA PERCEBER, QUE AO LADO DESSE BENEFICIO, HÁ UMA QUESTÃO QUE O ACOMPANHA E QUE PODE PROBLEMATIZAR O CAMPO DA SAÚDE FÍSICA E MENTAL. NA ATUALIDADE, ENFATIZAMOS A SAÚDE, COMPREENDIDA COMO "BEM

estar" e como superação da sintomatologia do paciente. Essa é uma concepção em que se deseja superar a morte e o sofrimento humano. Trata-se de um olhar sobre a saúde física e mental, que de certa forma obscurece as questões fundamentais da condição humana e portanto da clínica. Um vértice é olhar a saúde como produto de uma tecnologia, que pretende superar a condição humana, outro se caracteriza por uma compreensão da saúde como acolhimento do destino humano. Transformar o sofrimento em simples objeto de estudo a ser dominado por uma técnica é perder o significado biográfico desse padecimento.

Essa questão nos leva a focalizar a própria condição humana e compreende-la em sua instabilidade e precariedade, na qual a dor e o sofrimento têm, também, o seu lugar na constituição de um percurso pessoal e na realização do sentido de si mesmo. O ser humano sem acesso 'a dor e ao seu sofrimento perde dimensões significativas do viver. Winnicott (1988) afirmava que não ter sintomas poderia ser visto como saúde, mas isso não era a vida; também dizia que viver em um mundo sem neurose seria entediante.

No padecimento, tanto psíquico quanto físico, desvelam-se para a pessoa algumas das questões fundamentais da existência humana. O sofrimento re-orienta a pessoa humana em direção ao seu ethos Quando se acompanha uma pessoa durante um longo período se tem a oportunidade de observar como o adoecimento de alguém é a cristalização de uma esperança. Se simplesmente abordarmos esse adoecer tentando superá-los, sem nos determos na esperança que ele apresenta, perdemos de vista a singularidade da pessoa que nos procura. Quando uma pessoa em sofrimento vem até nós, em sua dor está contida toda a sua história com suas realizações e impasses. Ali se encontra a criatividade originária do indivíduo em seu estilo de ser. O psicanalista orientado para o self do paciente se colocará em disponibilidade para ouvir essa pessoa, para acompanhá-la e para compreender o seu sofrimento em

sua biografia. O seu sofrimento é um encontro entre a sua experiência do passado e do seu anseio em direção ao futuro. Assim sendo, quando alguém nos fala de seu sofrimento, temos a possibilidade de nos posicionarmos para uma interlocução, a fim de auxiliá-lo a atravessar o seu padecimento, colocando-o em transicionalidade, para que ele possa ser um enriquecimento de si mesmo e da sua capacidade de viver.

A mesma posição é também necessária frente ao sofrimento físico. Embora a posição médica seja encontrar um medicamento adequado para a doença, a nossa é acolher a biografia que fala naquele adoecimento. Isso não significa que na compreensão que podemos ter sobre esse adoecimento, estaríamos falando de uma etiologia. **Nosso trabalho é norteado pela compreensão e não pela explicação**. Abrimos o campo para os significados e não para as causas. Nessa revelação da biografia no campo do espaço potencial sustentamos o gesto criativo que põe em marcha o sentido de si mesmo. Colocamo-nos ao lado da pessoa que sofre como testemunha do que se revela em sua dor. O rosto do outro permite que a dor vivida possa ser inserida em uma história, portanto torna-a passível de ser narrada. A dor testemunhada na história pessoal encarna-se como experiência de dignidade!

O mundo psíquico e sua corporeidade são entrelaçamentos de sentidos. Esse é um ponto fundamental na distinção winnicottiana entre soma e corpo. Soma, o organismo visto como objeto; corpo, lugar do acontecer de si, campo de redes de sentidos. Quando usamos a palavra corpo, estamos nos referindo a um organismo já transfigurado por significação, pela presença do outro. O corpo humano alcança este estatuto na presença de alguém. Ele não é simplesmente um feixe de funções metabólicas: **carrega sentidos**. Winnicott nos dizia que não há função corporal que não esteja acompanhada de uma idéia. Isso é fundamental para compreendermos que o corpo é a **biografia encarnada**!

Podemos falar de três fenômenos fundamentais, que nos

afetam profundamente como seres humanos e que nos fazem sofrer tanto psíquica quanto organicamente. O percurso pela vida nos afeta. As dificuldades da vida, as celebrações da vida nos colocam em uma posição que nos abre ao sofrimento, que nos torna humano. Esse é um sofrer que nos revela a experiência de todos os outros seres humanos. Esse é o pathos do qual nenhum ser humano escapa. Ele traz a cada ser humano a lucidez e o saber tácito sobre o que é a vida humana. Esse é o primeiro registro do sofrimento humano.

Há um segundo fenômeno que afeta o ser humano, de maneira peculiar. Aqui ocorre um padecimento que nem mesmo pode ser sofrido. O indivíduo encontra em sua história rupturas que o impedem de se constituir. São rupturas que acontecem em suas necessidades mais fundamentais, tais como a necessidade do outro, de comunicação, do olhar do outro, do encontro de um lugar no mundo, da realização de uma contribuição para o mundo. Essas são necessidades humanas e, por vezes, o indivíduo não pôde encontrar a possibilidade de constituir qualquer uma delas, o que provoca uma fenda, uma fratura no sentido de si. O que para um outro ser humano é experiência de ser, para essas pessoas é verdadeiro buraco negro sem sentido. Isto origina um padecimento que pode tanto acontecer como um acontecimento psíquico ou corporal. Aqui o adoecer é um sinal da esperança da possibilidade de um encontro.

Há um sofrimento que é a revelação do destino humano, há outro que é anseio do encontro. Há um terceiro registro do sofrimento humano: a aflição decorrente do fato de o ser humano encontrar situações de vida que são anti-humanas. Por exemplo: na atualidade temos a presença de temporalidades que regem a vida humana e que são anti-humanas, porque não têm ressonância com o ritmo da corporeidade humana. Temos na atualidade relações humanas, que não mais são mediadas por códigos humanos, são mediadas por códigos digitais. Esse fenômeno acarreta um tipo de sofrimento ao ser humano que estilhaça o seu ethos. Quando

uma criança se depara com esse tipo de experiência, sente-se atravessada por um enigma, que é enlouquecedor.

O enigma decorrente do estilhaçamento de áreas do ethos humano leva a criança a encontrar em seu berço a apresentação de um mundo que não vai de encontro àquilo que o bebê carrega como pressentimento do humano. Por exemplo, um dos fenômenos que nós encontramos com maior freqüência na atualidade nessa área é aquele em que o bebê encontra uma mãe que lhe oferece um cuidado técnico pouco orientado pela capacidade de compreender as necessidades do bebê a partir de sua subjetividade. Revela-se, nesses casos, a importância da corporeidade do bebê que lhe dá a possibilidade de reconhecer ou não o que de alguma forma está aparentado à sua corporeidade, lugar de suas primeiras experiências de si. O cuidado técnico tem organizações rítmicas, estéticas, que nada tem a ver com a corporeidade humana. O bebê despertado dessa maneira encontra-se em uma situação enigmática decorrente do estilhaçamento do ethos humano. Ao nascer, ele se depara com o mundo por meio de um susto Pessoas com esse tipo de origem iniciam a sua vida com uma lucidez insuportável. São pessoas que acabam tendo um conhecimento profundo, e ao mesmo tempo terrível, porque é precoce, dos fundamentos do ethos humano. É um conhecimento adquirido pelo negativo. No entanto, o horror as habita, pois esse é um conhecimento sem rosto, sem palavra, sem continência. No mundo contemporâneo, há freqüentemente um tipo de maternagem que não se funda no contato do humano, da mãe com o seu bebê, assenta-se em técnicas abstraídas da experiência humana, nas quais a rapidez, o conforto, as concepções da moda tem primazia. A partir da década de cinqüenta Winnicott, em seus artigos, revelava suas preocupações com o excesso de interferência dos pediatras e enfermeiras na relação mãe-bebê. Naquele momento havia uma tecnização do cuidado com o bebê, o que levou Winnicott, durante muitos anos, a reafirmar a importância da relação mãe-bebê, assinalando que a mãe do bebê tinha um saber tácito sobre o cuidado necessitado pelo bebê. Daquela época até os dias de

hoje, ocorreu um incremento da interferência da técnica na relação entre a mãe e seu bebê.

O primeiro tipo de sofrimento demanda do outro o cuidado assentado em uma interlocução solidária. Frente ao sofrimento decorrente da experiência de vida a interlocução solidária outorga face humana ao padecimento, isso possibilita o atravessamento da experiência em direção ao porvir.

No segundo tipo de sofrimento, ocasionado por rupturas nas necessidades de constituição, estamos frente a uma situação que não pode mais ser abordada pela interlocução, mas sim pela oferta do encontro que possa constituir. Isso significa que o analista precisa lá estar para poder reconhecer que no sofrimento do paciente apresenta-se o anseio de encontro que possa ir em direção a ele. Dessa forma, ali onde havia ruptura, o buraco negro, possa haver pegadas humanas. O vazio tece-se em linguagem e significação.

O terceiro tipo de sofrimento exigirá do analista mais do que solidariedade, mais do que a direção ao anseio fundamental do encontro, demanda daquele que cuida que possa formular a questão enigmática. Formular a questão enigmática é poder, por exemplo, dizer: de fato você tem razão, esse ambiente, esse tempo, esse espaço, essa arquitetura não é humana!

Quem foi aprisionado em uma experiência enigmática não tem a possibilidade de colocar sob o domínio do ego a situação inumana, pois a pessoa encontra-se aprisionada em uma situação que o encarcera em uma experiência confusional.

Temos três tipos de sofrimento, cada um deles possuindo uma configuração específica, demandando um tipo peculiar de cuidado. Em nosso trabalho necessitamos estar em uma posição de reconhecimento de que o sofrimento humano veicula mensagens, que necessitam ser significadas em uma experiência inter-humana. Esse vértice é fundamental, principalmente, porque na atualidade questões significativas da existência humana foram esquecidas.

O mundo humano perde de vista a condição humana, esquece-se, por exemplo, de que em algumas situações de sofrimento o indivíduo precisa de atenção. Atenção é uma possibilidade de se estar frente ao outro e se deixar afetar pelo outro, de ouvi-lo e de responder a ele. A atenção exige tempo! O ser humano necessita da linguagem solidária, mas também precisa de tempo em forma de atenção. O tempo e atenção curam!

Outro aspecto importante no mundo atual é a presença de artefatos e de objetos sem ligação com a história, sem a face do humano e que se colocam ao lado dos homens como descartáveis. Necessitamos que as coisas sejam moradas da memória transgeracional, que nos devolvem as nossas raízes. Elas nos apresentam tradições, organizações simbólicas e mitológicas que favorecem ao ser humano fazer relações com as questões fundamentais do destino humano.

Vivemos em uma época na qual a memória é freqüentemente perdida das mais diferentes maneiras. Não falo aqui da memória que é puro preenchimento da descoberta, como foi descrita por Bion. Refiro-me a memória, que é registro da historicidade constitutiva do ser humano. Essa memória precisa estar presente nos discursos familiares, nos espaços públicos e nas obras culturais. Em nosso tempo, chamado de pós-moderno, ou de modernidade tardia, a memória constitutiva fragmenta-se deixando conseqüências funestas na maneira como o ser humano acontece no mundo contemporâneo.

Penso que não há possibilidade de acompanharmos alguém de modo significativo, esquecidos dessas questões fundamentais. A clínica amplia-se ao compreendermos que na dor e no sofrimento humano apresentam-se uma cristalização singular da esperança.

Os poetas são os resistentes que guardam a memória do humano. Borges (1999) nos diz sobre a condição humana:

Quando nos desalenta o infortúnio, por instantes nos salmos as aventuras íntimas da atenção ou da memória o sabor de uma fruta, o sabor da água, esse rosto que um sonho nos devolve, os jardins inaugurados em novembro, o anseio infinito de uma bússola, o livro que julgávamos ter lido, o pulso de um escândio, a breve chave que nos abre uma casa, o aroma da biblioteca como um sândalo, aquele antigo nome de uma rua, as cores do mapa , uma etimologia imprevista, a lisura de uma unha lixada, a data que buscávamos, contarmos as doces escuras badaladas, uma brusca dor, oito milhões são as divindades do mundo que viajam pela terra, secretas, esses modestos nomes só nos tocam e nos deixam.

A memória do humano cura o ethos!

Referências bibliográficas:

BORGES, L. (1999) Obras Completas.(p.132) Ed. Globo, São Paulo.

WINNICOTT, D. W. (1988) Human Nature. Free Association Books, London, 1988.